

HISTÓRIA ■ Edição bem ilustrada resgata trajetória de luta das mulheres negras brasileiras

As guerreiras que chegaram de longe

Uellinton Farias Alves
Jornalista e escritor

Poucos registros realizados sobre o passado são tão expressivos como os que se referem à história das mulheres brasileiras, conhecidas pelo seu empreendedorismo nato, bem como pela convicção guerreira com que se entregam à luta. Num recorte epistemológico, há ainda um caso mais específico, que tem a ver, a princípio, com a travessia do Atlântico, o processo civilizatório de um modo geral e, certamente, a evolução da escravidão africana entre nós.

Trata-se aqui da chegada das mulheres negras no novo mundo, sobretudo no Brasil, a chamada terra prometida, para a qual foram trazidas centenas de milhares dessas mulheres para o subjuogo senhorial, os maus-tratos constantes, a sevícia, o eito, e o silêncio amordaçante das casas grandes e das senzalas.

Violência e opressão, por assim dizer, perfazem a trajetória das mulheres negras do Brasil, expressão, aliás, recortada de uma fala de Maria Nascimento, da década de 1950, como liderança do Teatro Experimental do Negro, numa nítida intenção de dizer que, elas, mulheres negras, estavam aptas a usufruir, sem maiores contestações, “dos benefícios da civilização e da cultura” do país de então, aspecto significativo e desafiador para a época, ao mesmo tempo expressivo, não só para estabelecer a quebra de paradigmas, mas também para marcar o ponto seminal entre as culturas, de raízes centenárias e africanas, provindas do mais longínquo ancestralismo.



REPRODUÇÃO

Inequivocamente, cumpre esse papel, com bastante segurança, o livro *Mulheres negras do Brasil*, de Schuma Schumacher e Érico Vital Brazil, apresentado concisamente por Sueli Carneiro, a mesma que nos lembra que os passos das mulheres negras “vêm de longe”, e que, numa linguagem

instigadora, resgata os primórdios do quilombismo e da negritude, ao mesmo tempo que mapeia os caminhos e descaminhos percorridos ao longo dos séculos.

Schuma Schumacher e Érico Vital Brazil põem o dedo na ferida, expõem dores e mazelas de vidas infelizmente ainda bastante invi-

síveis em nossa sociedade. Falar de mulheres negras, no entanto, não como organização institucional ou movimento de classe, é arriscar-se às controvertidas polêmicas que vêm opondo negros e brancos, homens e mulheres, de um lado e de outro, acirrados em torno das cotas universitárias e pela disputa sem tréguas ao mundo do trabalho.

Os autores, todavia, ao abordarem competentemente histórias tão complexas, retiradas de contextos tão díspares e antagônicos, transpõem os umbrais dos grandes desafios que uma obra desse porte oferece a qualquer organizador.

Na verdade, Schuma e Érico, em termos de resultados, conseguem harmonizar algo parecido a uma babel, pautada no entrecchoque de culturas multifacetadas, em parte em função da violência originária de antigas guerras, ou guerrilhas, em parte devido aos rompimentos umbilicais dos fortes laços familiares.

Já o Brasil, fértil em terras quilombolas, diferente dos Estados Unidos e de qualquer país europeu, talvez pelo seu tropicalismo, pode ter ajudado no florescimento favorável desse clímax de adaptação e sobrevida, de movimentação política e sincretismo religioso, em prol do matriarcado e da revolução.

No caso brasileiro, as mulheres negras, no entanto, assumem destaque especial, salutarmente relevante, agora plenamente demonstrado através das histórias reveladas.

É importante sabermos que, desde os primeiros séculos, houve mulheres negras poderosas, mas também as que não se deixavam abater jamais diante das adversidades.

Mulheres negras do Brasil, o livro, por si só traz consigo a missão de desconstruir o retrato sem retoques de um país cordial, de face única, ao contrário do es-

tablishment estabelecido pelo projeto da chamada democracia racial brasileira.

O livro leva em conta também mulheres como a líder Aqualtune, do Quilombo dos Palmares, Luiza Mahin, da Revolta dos Malês, Maria Firmina dos Reis (a primeira romancista, com a publicação de *Úrsula*), Paula Baiana, a fuzileira honorária à caráter, Joana Batista da Rocha, co-autora do *Frevo das Vassourinhas*, o clássico da nossa de nossa música popular mais tocado de todos os tempos, Chiquinha Gonzaga, Chica da Silva, a negra aristocrata, Antonieta de Barros, no parlamento, e, no atletismo, Melânia Luz. Tantas e tão anônimas. No rastro delas, porém, muitas existiram e existem como Matilde Ribeiro, Benedita da Silva, Daiane dos Santos, Marina Silva, Maria Carmem Barbosa, Ruth de Souza, Alaíde Costa etc. São atalhos que se transformaram

Mulheres negras do Brasil

SCHUMA SCHUMACHER E
ÉRICO VITAL BRAZIL
Senac
496 páginas, R\$ 135

em caminhos desde o forçado marco migratório. Por intermédio desses relatos biográficos (e das imagens ricamente reproduzidas), conhecemos experiências de vida de impressionantes mulheres que de tudo enfrentaram, na medida de suas forças e suas atitudes, como verdadeiras guerreiras, espécimes de protomártir do movimento feminista.

Em todas as áreas, como demonstram Schuma Schumacher e Érico Vital Brazil, a presença das mulheres negras é marcante, do campo social ao político, da medicina à cultura, dos esportes à religião, da música à culinária. Resulta daí um dos maiores méritos desse trabalho, e, sem dúvida, dos seus autores, que é a desconstrução da invisibilidade de importantes mulheres que viveram e vivem, injustificadamente, eclipsadas sob suas próprias sombras.